



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

DULCE SUASSUNA

(depoimento)

2011

FICHA TÉCNICA**ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE**

Entrevistada: Dulce Suassuna

Entrevistador: Rodrigo Ferrari

Local da entrevista: Via Skype

Data da entrevista: 06/07/2011

Processamento da Entrevista: Rodrigo Ferrari

Páginas Digitadas: 6

Número da entrevista: E-313

Data da autorização para publicação no Repositório: 20/12/2012

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Rodrigo Ferrari intitulada *Gestão da informação e conhecimento em esporte e lazer: o caso do Repositório Institucional da Rede CEDES (RIRC)*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Participação da entrevistada na Rede CEDES; Pesquisas desenvolvidas na UnB; Produção acadêmica da Rede CEDES; Repositório Institucional da Rede CEDES; Novas tecnologias de informação e gestão do conhecimento; Movimento de acesso livre à informação científica; atuação do Ministério do Esporte.

Rodrigo: O primeiro tema do roteiro da pesquisa se refere à contextualização da sua participação na Rede CEDES, desde o início até hoje em dia.

Dulce: Eu começo a participar da Rede em 2005 a convite do professor Lino Castellani Filho, na época era o Secretário da SNDEL via uma pesquisa encomendada com o tema políticas públicas para o Esporte e Lazer. O nosso propósito era fazer um levantamento de como o lazer era tratado nas políticas públicas. Havia poucos núcleos, se eu não engano, o núcleo da UnB era o quinto núcleos a participar da Rede CEDES. Como núcleo nós construímos um debate com vários outros professores e pesquisadores, ou seja, foi uma ação coletiva entre vários professores da UnB. A primeira aproximação foi feita comigo e com o professor Juarez, que é o coordenador adjunto do núcleo da UnB. A partir disso, nós construímos nossa proposta com base na demanda do ME e esse projeto de pesquisa foi submetido a um conselho de pareceristas e nós passamos a fazer parte da Rede CEDES.

Pelo que sei da história, o Professor Luiz Fernando Veronesi, de Pelotas, era o diretor científico da SNDEL. Nessa função ele participou da equipe de transição do governo FHC para o governo Lula e nesse tempo a configuração da Rede foi discutida e desenhada com a participação de um grupo sob a liderança do Prof. Veronesi.

Rodrigo: Essa pesquisa continua até hoje?

Dulce: Esse foi o nosso primeiro projeto, ele durou um ano. Nós recebemos financiamento e com ele criamos o núcleo com compras de equipamentos para criação do núcleo porque, apesar da UnB, ser uma universidade grande nós não tínhamos recursos e infraestrutura na faculdade de Educação Física para fazer pesquisa, por isso essa ação da SNDEL foi fundamental. Com esses recursos nós compramos computadores e demos bolsas de iniciação científica e a UnB nos deu uma sala para ser a sede do núcleo. Esse projeto chamava Políticas Públicas de Esporte e Lazer, durou um ano e resultou num livro que foi o resultado de um levantamento sobre informações as políticas públicas do lazer nos Ministérios da Educação, Cultura, Meio Ambiente, Turismo e do Esporte com a participação de vários professores. Um livro coeso e muito bem articulado e funcionou relativamente bem.

Na sequencia houve uma reestruturação, a pesquisa que nós desenvolvemos até hoje começa em 2007 em decorrência do edital de 2006 da FINEP. Essa pesquisa está

prevista para ser concluída em 2011 porque é uma pesquisa maior, por envolver trabalho de campo além da pesquisa documental como foi a primeira. Nós estamos entregando os resultados esse ano para a FINEP e provavelmente ela já teve parte do material publicado em livro e também alguns artigos, mas o final da pesquisa está prevista outubro e novembro de 2011. Nesse caso o título da pesquisa é *Esporte e Lazer, a cidadania em construção* e o foco é um estudo sobre o PELC. Nós fizemos um estudo nacional e com dados do Distrito Federal e em alguma medida vamos fazer comparações entre o local (DF) com o nacional. Particularmente sobre a formação do PELC.

Rodrigo: Uma dúvida. O primeiro projeto serviu como suporte para construir esse projeto maior, mas agora vocês não têm vínculo efetivo com a Rede CEDES?

Dulce: Não. Nós temos vínculo com a Rede CEDES, esse projeto compõe o núcleo da UnB. Em 2007 eu fui fazer pós-doutorado, quem passou a coordenar a rede foi o professor Aldo Azevedo; nessa coordenação ele publicou um livro também vinculado à Rede CEDES com uma pesquisa sobre o Observatório do Esporte. O núcleo da Rede CEDES da UnB tem a primeira publicação, que eu falei anteriormente, uma segunda coordenada pelo professor Aldo e outra publicação desse projeto que está finalizando esse ano, que foi *Política Lazer e Formação* provavelmente o título de nosso próximo livro vai ser *Esporte e Lazer: cidadania em construção*. Essas foram as nossas publicações desde 2005.

Rodrigo: Essa última pesquisa é bem articulada com os propósitos da Rede CEDES, no sentido da relação com o PELC. E como você avalia essa articulação num âmbito mais geral entre a Rede CEDES e o PELC?

Dulce: Eu avalio como muito positivo. Do ponto de vista das políticas públicas o que normalmente se tem é que os programas e as ações são construídos e não há um efetivo acompanhamento dessas ações. Eu me refiro a uma avaliação continuada em processo. Eu acredito que a Rede CEDES é uma ação extremamente inteligente, porque ao criar o programa, cria-se a possibilidade de discutir esse programa, avaliar, de inclusive construir uma crítica porque muitas das pesquisas que forma feitas com recursos do próprio ME fazem críticas ao programa. Com a finalidade de qualificar o programa, esse que é o grande objetivo. Eu espero profundamente que a Rede continue, que ela

tenha fôlego dentro desse novo desenho do ME, mas eu vejo essa ação como algo extremamente valioso. Eu já estudei outras políticas, como a do meio ambiente, enfim, eu vejo essa ação do ME como algo ímpar, singular, por conta dessa possibilidade de retroalimentação. O programa está acontecendo e ao mesmo tempo os pesquisadores estão olhando para ele, avaliando, construindo críticas e com isso ele pode ser reformulado. No meu ponto de vista isso é o ideal de política. Pelo menos deveria ser das políticas em construção, ou seja, como um processo dialógico.

Rodrigo: Fazendo um gancho com essa instabilidade da SNDEL no desenho do ME, você acha a Rede CEDES está em perigo nessa transição de governo e com a extinção da SNDEL?

Dulce: Eu não tenho uma boa avaliação desse processo. Eu penso que as duas primeiras gestões do PT, do governo Lula, houve um alto investimento nos programas sociais; havia uma intenção deliberada do governo, principalmente na primeira gestão mais do que na segunda, em estimular as políticas de cunho social. Eu, particularmente, não consegui perceber o lugar das políticas sociais no governo Dilma, eu ainda não consegui entender. O que se vê particularmente no caso do ME, obviamente que eu não estou desconsiderar a importância dos megaeventos esportivos, eu acho que eles são importantes. Eles devem acontecer, não sei se exatamente no Brasil. Mas o que me faz pensar e refletir com um pouco mais de cuidado nessa ação deliberada voltada para o alto rendimento é talvez o esquecimento dos programas sociais. É com isso que estou preocupada. Nesse não olhar para os programas sociais, como o PELC, ou mesmo o Segundo Tempo, entre outros. Dessa forma acabamos perdendo o foco de muita coisa e deixando de lado demandas que a sociedade civil construiu e foram aprovadas nas conferências e debates públicos e que agora começam a se perder. Eu vejo esse cenário que se desenha do final de 2010 até metade de 2011 como um problema. Tenho acompanhado de forma cuidadosa esse processo, o que parece é que há uma intenção de deslocar a Rede CEDES e CENESP para a Secretaria Executiva do ME. A princípio eu não tenho nada contra isso, o problema é que configuração dessa Rede terão naquele âmbito? Porque até então os pesquisadores e os núcleos tinham uma certa clareza sobre o que tínhamos que fazer, quais ações desenvolver para integrar a Rede CEDES e agora há uma perda de foco. Agora nós não sabemos mais o que fazer e o próprio ME também não sabe; eu acho que eles estão tão perdidos quanto todos nós ao fazer essa espécie de

embaralhamento das ações e essa reconfiguração do ME. Isso, inclusive, não só em relação a Rede CEDES mas ao papel do CBCE, ou seja, há tanta coisa em discussão mas ao mesmo tempo deixadas de lado em nome de um projeto que se volta exclusivamente para o esporte de alto rendimento. Como pesquisadora do tema eu diria que é lamentável, agora se é isso que o governo Dilma se propõe, então, esse é o contexto e nós vamos ter que criar outras estratégias para continuar sobrevivendo e fazendo pesquisa na área do esporte e lazer com os poucos recursos que possuímos.

Rodrigo: É o antigo problema entre política de governo e de estado. Qual a importância do Acesso Aberto à informação e conhecimento científico para área do esporte e Lazer?

Dulce: Eu acho fundamental para qualquer área. A importância não está apenas relacionada à possibilidade das pessoas acessarem forma imediata, mas também na construção de uma memória de tudo que foi produzido por essa área de conhecimento no campo. Eu acho que há pouca clareza, ainda, dos pesquisadores que compõem a Rede sobre a importância desse Repositório. Todo mundo reconhece o papel, a relevância dele mas as pessoas, por conta das várias atribuições que elas tem - muitas vezes não tem sequer um espaço e funcionários disponíveis para dar conta das demandas burocráticas que as universidades exigem- então por isso nos acabamos esquecendo, deixando de lado, mas eu penso que o Repositório tem um papel importante.

Rodrigo: Essa observação tem sido recorrente nas entrevistas dessa pesquisa e pretendemos abordar essa temática em busca de propostas e soluções.

Dulce: Como nós não temos recursos humanos para realização de certas tarefas como a alimentação do Repositório, eu acredito que vocês não tem como fazer isso. É muito difícil. Se nós não temos como fazer isso, como vocês vão fazer isso para tantos pesquisadores e universidades. São 44 universidades, ou seja, é muita coisa. Pelo menos nós da UnB tem diversas publicações que ainda não conseguimos depositar no RIRC. Mas, o que foi possível nós encaminhamos. Quando nós pensamos o projeto da Rede CEDES da UnB, um dos objetivos era ter uma página dentro do *site* da faculdade com informações sobre os professores, os currículos, as publicações e as produções da Rede CEDES. Nós não conseguimos fazer isso até agora. Num primeiro momento nós

conseguimos construir a página, depois acabou a bolsa do bolsista e ele foi embora. O que fazer? Além de tudo, falta informação. Esse processo de informatização que nós vivemos na sociedade da informação é muito complicado para minha geração de pesquisadores mais velhos do que para vocês que são mais jovens. Lidar com esse novo instrumental, saber quais são efetivamente seus objetivos porque, na minha opinião, não é só durante as reuniões da Rede, nós termos uma conversa de meio hora com uma apresentação que nós vamos conhecer a importância e funcionamento do Repositório. Tem ter de alguma forma uma diálogo maior, mais articulação, maior acesso. O projeto deveria estar mais presente e visível para todos nós. Por exemplo, cada página da Rede deveria ter um *link* do RIRC. Isso talvez fizesse com que nós estivéssemos mais próximos.

Rodrigo: Como se deu as publicações dos livros de vocês no que se refere aos direitos autorais?

Dulce: No nosso caso, nós temos um livro que está esgotado. O *copyright* desse livro é da Rede ou está no meu nome, não está no nome da editora. Nós não comercializamos os livros, inclusive, eles foram distribuídos, a gente sempre pediu mil exemplares para serem distribuídos. Para nós essa situação é tranquila. Agora uma reedição desse livro, demandaria outro tipo de negociação porque aí nós não temos mais recursos do ME para poder publicar uma nova edição. Nós teríamos que ver isso com a editora e o livro deveria ser comercializado. Eu penso que essa questão depende da negociação que se faz com a editora, no meu caso a editora que eu trabalho eu teria condição de negociar com ela essa possibilidade de acesso livre, até porque ela não tem o perfil comercial das grandes editoras. É uma editora mais preocupada com a socialização do conhecimento produzido. Eu sei que alguns pesquisadores fizeram um acordo de que o ME pagaria 50% dos exemplares e editora os outros 50% para ser comercializado.

Rodrigo: Você chegou a fazer algum depósito no Repositório?

Dulce: Eu não, quem fez foi minha estagiária técnica. Pelo que sei ela achou o processo bem tranquilo.

Rodrigo: Você as iniciativas no campo da gestão da informação e do conhecimento deveriam ser ampliadas visando a demanda de todo ME?

Dulce: Eu, como pesquisadora de políticas públicas, acho isso fundamental. No primeiro ano da pesquisa que realizei, quando fizemos um inventário sobre o que havia de documentos a respeito dos programas que existiam durante o governo do FHC, para ver em que medida o PELC ou mesmo o Segundo Tempo tinham algum tipo de articulação com a política de governo do FHC e nós não encontramos dados e informações sobre isso. O que nós conseguimos foi entrevistar uma senhora que trabalhava no ME e que continuou trabalhando durante o governo Lula e ela passou algumas informações para nós, e algumas coisas dispersas nos planos plurianuais que são extremamente resumidas porque são muito técnicas. Portanto, nós não conseguimos documentos suficientes para fazer a análise, o que mostra a realidade que nós temos uma política de governo e não de estado. O papel do Repositório, ou de um banco de dados como esse é fundamental para os próprios gestores... relatórios de pesquisas, relatórios dos programas e ações desenvolvidas pelo ME fossem elementos para alimentar esse Repositório, não apenas as pesquisas científicas. Eu acredito que seria fundamental. Também não podemos esquecer da Rede CENESP, porque muita pesquisa que é feita por essa Rede e conta com financiamento público, ela também deveria ser contemplada. Para ter uma ideia, nós precisávamos de uma informação sobre quantos agentes sociais o PELC tinha na atualidade e os números eram aproximados, nunca eram os números reais, ou seja, não há um controle, um plano, com as ferramentas já disponíveis isso seria facilmente resolvido. Por exemplo, as universidades conseguem fazer isso. Na UnB nós temos todas as informações dos alunos por meio da matrícula, como o ME que financia bolsas para esses agentes sociais não tem essas informações dessas pessoas? Isso é um problema grave.

É importante também atentar no seguinte contexto. Se muitos de nós que somos pesquisadores, temos acesso a computadores, as TIC's temos dificuldades, imagina pensar nisso em conjunto com todas as dificuldades de nosso país. Eu acho que essa política é importante, mas ela deve ser acompanhada de outras políticas, sozinha ela não tem sentido. Tem que ter um processo de formação, uma política clara de educação e inclusão digital.

[FINAL DO DEPOIMENTO]